

## *H*abitação

Nem saberia dizer onde moro exatamente.  
Desconfio que habito dentro de meus dentes.

Doutras vezes, a penugem dos canários,  
e era ali, naquelas sedas, penugem e cor,  
que eu me mudava para minhas mãos,  
senão os gatos, o dorso, viajava neles.

E se um pássaro súbito:  
não pelo avisto, pelo ouvido porém;  
(o som é que é súbito) — e outra vez me mudava,  
era só ouvidos.

Para os meus olhos,  
eles se esbarraram — sobre todos os horizontes —  
em cima da beleza:  
clamassem os dentes,  
clamassem as mãos, clamassem as oíças,  
a pele também clamasse — qual nada! —  
haveria de engolfá-la só com os olhos —  
anos a fio moro neles.

Um dia morei sobre o peito de minhas mães,  
branca e preta, as mães,  
(todas verdadeiras)  
na mesma medida, agora, assim,  
minha banda-fêmea  
te regaça:

desta vez  
“mulher”,  
sou tua “mãe”.

Pousa, amor,  
te esbalda na cavilha deste peito-pulso  
que pulso de pulsar te estremece:  
[...]  
teus dentes, tua-inteira, toda-tua,  
tua cara, teus cabelos, tua pele — tudo — e alma;  
deixa-te cair neste infinito-agora.

Terminei de sair dos meus dentes, dos meus olhos,  
das minhas oíças também saí;  
habito agora apenas esta minha mão;  
sou apenas esta mão:

nenhuma diferença entre todas as coisas,  
um dia quis pegá-las, mordê-las; mão,  
o calor de tuas sedas.

E se dormires  
recobrirei respeitosamente a tua nudez,  
que é só tua —  
pausadamente, pausa  
o hálito  
na cavilha deste peito largo:

dorme, amor,  
sossega,  
[...]  
da  
tua  
nudez — sossega —

que da aurora,  
vigilante  
eu tomo conta.

Fortaleza, noite alta, 8.2.1999

**ANTONIO MASSA:** Mestre Feitosa, poema imenso de lindo. Ainda não consegui parar de ler. Passei toda a noite assim com os beijos tremendo e o coração palpitando.

**BARBARA JÔ:** Estava passando pelo JP e fui ler Habitação. Pensei já tê-lo lido, mas não sei porque me pareceu tão novo... tão profundo como os mares nunca dantes (com o perdão do lugar comum - confuso?). Bem, fui lendo-lendo e de ir-indo tanto fui gostando. Identifiquei-me em cada linha, cada palavra e ainda mais nos olhos que anos a fio também moro neles. e não precisam reformas! E cheguei ao trecho (porque cargas d'água todos os teus poemas dizem coisas????). O trecho: "clamassem os dentes,/ clamassem as mãos, clamassem as oíças,/ a pele também clamasse — qual nada! — / haveria de engolfá-la só com os olhos — / anos a fio moro neles." Identifiquei-me em cada linha, cada palavra e ainda mais nos olhos que anos a fio também moro neles. E não precisam reformas! E cheguei ao trecho (porque cargas d'água todos ps teus poemas dizem coisas????). "desta vez/ "mulher",/ sou tua "mãe".// Pousa, amor,/ te esbalda na cavilha deste peito-pulso/ que pulso de pulsar te estremece: / teus dentes, tua-in-teira, toda-tua,/ tua cara, teus cabelos, tua pele — tudo — e alma; / deixa-te cair neste infinito-agora." Fiquei zonza. Que tens de bruxo? "E se dormires/ recobrirei respeitosamente a tua

nudez,/ que é só tua —/ pausadamente, pousa/ o hálito/ na cavilha deste peito largo:/ dorme, amor,/ sossega, // da/ tua/ nudez — sossega —/ que da aurora, vigilante / eu tomo conta." Sinto falta do tempo futuro — do dia que virá, do *Menino*, de *Êsquilo* — será que ainda virá? Preciso sossegar minha nudez, preciso entregar minha alma, SF, sem medo, nas mãos que a saberão vigiar. Sei que sinto saudades de mim.

**CARMEN BELTRÃO:** Desconfio que sabes bem onde moras, dentro de teus dentes, nos canários, regaço-mãe, cavilha funda, ou mãos profundas que averigam a noite que deita sobre o teu amor inerme (nem tanto porque vigias o portal de seus sonhos)... Bem, como eu ia dizendo, desconfio que sabes que habitas em todo e nenhum lugar, a não ser nesse cometa-pensamento que te rasga o céu flamejante da poesia que, curioso, vem através de tuas mãos, aconchego carinhoso que transborda o teu amor, trazida no dorso dos teus pássaros-viagens, forjada no teu peito infante e homem sob o adubo generoso do regaço materno que um dia incorporaste. É, meu amigo, desconfio que desconfias que de par com a poesia, voa, irremediável, tua alma. Melhor para todos nós, que de lambuja, sorvemos o encanto que te liberta.

**DANIELA MAIUMI USHIZIMA:** Muito melodiosa, cheia de ternura e calma. Como se contasse a história de um mundo onde tudo se transforma, sem contemplação

da perda, mas o deslumbre da eterna mutação, algo tão inerente ao nosso universo... embora não olhemos sempre por esse prisma.

**ELOÍ ELISABET BOCHECO:** Esse poema é puro espanto. O que verte de água desse seu texto! Quem vem beber, volta; ou de saudade da água fresquinha, ou de ânsia de decifração.

**ERNANI GETIRANA:** E depois dizem que as palavras são para ser... ditas. Pode ser. Mas, certamente, para ser ditas do modo que a vida é feita e parida. EMPATIA PURA. É o que esse poema provoca na gente. A capacidade que SF tem de burilar as palavras sem arranhá-las as entranhas, mas, ao contrário, preservando a docilidade de cada uma delas, com seu travo próprio, sua maciez específica, sua casa-ideia metafórica, isso é o que é. Elas, as palavras, essas bichinhas arrebanhadas por SF, nesse jeito todo seu de nordestiniza-las, alinhavando-as com benzeduras, coisas do agrado do polígono (secamente e ainda belo), lugar-alfabético onde o poema de SF ganha voo usando as correntes ascendentes da sensibilidade. **HABITAÇÃO:** Homem-tatu, caracol, metalinguagem esgueirando-se por entre as frestas da poesia, ela também, casa dos deuses e, na verdade, casa de qualquer homem que ousa debruçar-se sobre si mesmo nessa casa-planeta que habitamos todos nós, filhos da palavra, habitação da esperança.

**GLAUCIA LEMOS:** Habitação tem, no seu delicado lirismo, um sabor

doirado de uma coisa que há muito tempo não me tenho concedido colher da vida. Ou não tenho sabido colhê-lo, se o encontro. O gosto de quem conheceu as muitas moradas dos sentidos ao longo das pequenas/grandes alegrias prazerosas; do suave ao tato, do enternecedor à audição, do deslumbrante à visão, até o achado definitivo daquele pouso-alumbramento-por-inteiro, aquele único que só quando se merece a graça de alcançá-lo, se reconhece. Aquele que esperamos - ou que nos espera - sem que mera premonição nos adiante onde, em que morada, em que sítio, em que local, em que olhar, em que corpo, em que alma, o encontraremos. Repousa na cavilha do meu peito. Na doação desse peito, na entrega desse eu-tua, define-se a habitação que em oferecer repouso está a recebê-lo e em se fazer doação, aprofunda sua âncora. Ouço sempre uma canção da MPB, não sei o autor, na qual, sem rodeios, com a simplicidade sábia dos simples, se repete o que todos sentem, mas poucos disso se apercebem: não se pode ser feliz se não for por amor. Se não se logra o encontro com esse porto definitivo - ou que definitivo não seja - do qual se possa dizer: aqui é o meu lugar. Mesmo que o diga sem a refinada sensibilidade do autor de Habitação.

**IOSITO AGUIAR:** Pois é, meu coroné, como se diz lá no Alto Sertão baiano de onde venho: “Quano chega o tempo de fuloramento, o mió mermo é pará, ficá oiano as fulô, sentino os cheiros e deixano aquela beleza toda abarcá o cora-

ção da gente, o espírito e os pensamento. Num carece ispricá nada não. É só ficá no senti”. A habitação do poeta fica num sítio de 5ª dimensão, a que só os deuses e uns poucos eleitos têm acesso. Então o poeta é uma espécie de Deus? Homem, se desde que Linos inventou as letras, a poesia vem resistindo, por alguma razão é, não é? O poeta é um mago tão porreta que até em mulher pode se transformar. Em verdade, a mulher sempre fez parte da natureza do homem. Sempre esteve dentro dele. A maioria dos homens não sabe disso. Os poetas o sabem. Daí dá pra entender o obnubilamento da dona Maria Alice Vila Fabião. Ela viu-se surpreendida por uma faceta quase desconhecida do poeta, que desnuda o grande segredo da mulher, O segredo da geração. O poeta gerou. E daí? O cumpade Roseno tem razão quando diz ter sido muito bom, o poeta ter-se voltado para os versos depois dos 50. O intelectualismo – esse estrupício do “Scholar” – felizmente não teve tempo, nem chance de contaminar a cacimba de 5ª dimensão onde bebe o poeta. Assim, no caldeirão daquela cacimba, vemo-lo misturar elementos variadíssimos, que resultam numa poesia desconcertante para a pessoa comum. Como definir aquela poesia? Antônio Massa tocou o cerne da coisa quando falou de Salomão. É isso. O infinito não existe na nossa realidade porque ao homem (comum) não foi concedido tempo suficiente para contar a eternidade. Mas aos poetas, aos iluminados e aos JIVAS (homem perfeito

após a evolução pelas sete rondas de vida), com acesso à 5ª dimensão foram permitidos a compreensão e o domínio do infinito. Então, se se é poeta não é preciso ficar em silêncio ante o calidoscópio de emoções que o poema HABITAÇÃO desperta. [...]

O segredo dos dentes que rasgam e esmagam para alimentar-nos, a maciez da penugem dos pássaros, a perfeição da curva do dorso do gato; a capacidade de ver e escutar e, fundamentalmente, de saber. Saber!!! É isso, meu coroné! Ponto, oras...

#### **JOÃO DE DEUS SOUTO FILHO:**

O Habitar desta poesia, que é carne, que é sangue pulsante, ocupa todos os pontos cardeais, ultrapassa terceiras intenções, avança e se nutre das vísceras do poeta, que bota para fora a heureka de todos nós, viajantes, que teimamos em ir e vir por entre sonhos e parlendas. O Habitar desta poesia não pede licença, invade alma e mostra a cara do poeta, as linhas da sua mão que nele se transmutam, e volta a ele, e volta à mão, que se faz mãe sem medo, que afaga o seu rebento no seio materno, que canta o seu rebento como canário. O Habitar desta poesia é a mulher que se apresenta em cada um de nós, que nos habita, seja como a mãe de outras eras, seja como a virgem que se banha nas nossas lagoas (quantas lagoas temos em nós?). O Habitar desta poesia merece a reverência do poeta.

**IURI DANTAS:** Antes de deitar a mão com os comentários a respei-

to de Habitação, pergunto-lhe algo que aflige a toda minha geração de recém-formados e ainda estudantes em comunicação: Será mesmo o diploma uma tortura necessária? Você que sentiu toda a comunicação brotar do cotidiano ao invés dos livros de Umberto Eco deve ter a resposta. aguardo por aqui. Quanto à poesia, bem, todo poeta precisa de um conflito. O de querer se encontrar, tanto no macro deste universo que habitamos, quanto no micro de toda a carne que envolve este espírito inquieto, me parece ser a batalha travada em Habitação. Decerto que o verso precisa cantar por si só. E consigo ver isso. Cada frase desperta de nossa inconsciência. Cada palavra é recortada de um corolário de dúvidas que "habita" o questionamento que lhe é intrínseco. Interrompo a rotina de meu dia para apreciar esta joia. Muito há o que se discutir e tentar descobrir nas entrelinhas de que se utiliza. O questionamento de saber até que ponto uma palavra é ou não metafórica me persegue durante toda a leitura do poema. A cada verso o debate entre lógica e a poesia em essência permanece e se aprofunda à medida que o tempo corre e os olhos param em algum vocábulo específico. Dentes. Mãos. Grande parte de minha influência vem de Mário Quintana, o velho bagual de Alegrete, e todo o surrealismo de encontrar moedinhas perdidas e descobrir a poesia em trechos de notícia ainda me acompanha.

**JOAQUIM ALVES:** Simplesmente fabuloso. No sentido de nos deixar

extasiados, com olhos nos tijolos, na areia, na pedra. A primeira vez que o li, fiquei mudo. E, não sei porque, deu-me uma grande vontade de escrever. POEMAS, claro!

**LAU SIQUEIRA:** SF, O GUARDADOR DAS AURORAS. Lanço meu olhar canibal sobre sua "Habitação", caro amigo, querendo suprir as ausências nutricionais da minha alma com versos hermanos de Femina e Salomão. Versos que habitam o espetáculo portentoso de medir cada palmo, palmilhar cada metro... rosnar e surpreender os próprios sentidos. Lembro Rilke, Pessoa... não, não! Lembro as Odisséias, as Ilíadas - novamente, como em Salomão. Qual nada... sinto-me mergulhar no desconhecido. Diante da vigilância da aurora, sinto-me ainda prosseguir em silêncio após o último verso. "Habitação" - esse poema dito entre os dentes começa e termina na expressão mais profunda do seu tear poético que, guardado por 50 anos, teve tempo suficiente de burilar-se para conduzir a obra e o artista da palavra que você é, no rumo do eterno. Isso é um segredo que só a poesia revela quando encontrada nas suas cavernas, em escaramuças intelectuais e sensitivas das mais distantes. E você encontrou-a, caro poeta! Desvendou mais uma vez o segredo, revelando a poesia em versos pincelados com avidez de pássaro e com a plasticidade de todos os descansos da retina. Cumprir sua "morada" é partilhar com as caravanas de anjos e duendes perfilados num horizonte que nos revela todos os orientes e ociden-

tes. Mas, ao mesmo tempo, se faz universal demais para ser medido, tocado, urdido... a beleza desse seu novo filho comove por sucção, ao que parece. Sou imediatamente absorvido. Feliz pelo gozo estético. E diante da beleza, meu caro Chico, apenas respiro fundo. Recebo (faço questão) todos os seus átomos e todas as alegorias que me permitem sonhar e cavalgar nessa égua chamada distância para torná-la, a cada instante o meu próprio habitat.

**LIGIA NEVES:** Incrível! Como comentas tão bem da mulher e protege-a de suas inseguranças, contudo desta vez surpreendeu-me ao descrever os animais com tanta imaginação e criatividade espontânea. Parabéns. A habitação conjuga-se no tempo de estarmos diante da mãe-mulher e conscientizarmos do que é necessário de um respeito formal.

**LUIZ NOGUEIRA BARROS:** Nunca ouvi dizer que poeta morasse em lugar nenhum, que são todos uns loucos-andarilhos. Conheci um, Christiano Fernandes, que improvisava a tenda numa sombra. E agora esse outro louco, o Soares Feitosa, vem com essa história de habitar. E depois com essa outra história de respeitar e cobrir a nudez da amada, e tomar conta da vigilante aurora. Por amor inventam tudo. Até descobrem um lado feminino, contanto que agradem à amada. Uns ladinos conquistadores, esses poetas. Com plumas e curvas criam abismos, ninhos, para o amor. E agora esse outro poeta louco que tanto amo, o Soa-

res Feitosa, resolvendo aninhar-se como se não fosse o maior dos andarilhos e amantes que conheço, e bom cabrito do Siarah...

**MARIA ALICE VILA FABIÃO:** Navegam os meus olhos - a reboque o coração, que sempre teima em deixar-se arrastar nestas viagens - através do desconhecido, do que se oculta para além dos dentes. A ferocidade!!! Como ir mais além na leitura, perante a ameaça de sermos destroçados no simples acesso ao mais recôndito da habitação do Ser? Venho de ausências - onde, em vão, busco a ausência definitiva. Por que não entrar, ultrapassar, então, autocida, essa barreira de agressividade defensiva? A partir daqui, SF, devia eu própria erguer todas as minhas barreiras, regressar ao escaninho mais oculto de mim mesma e silenciar - proteger-me, contra a força do vórtice que me arrasta, rompendo-me, despedaçando-me, de aresta em aresta, paradoxalmente suaves, todas, terrível e dolorosamente suaves, todas! Por que me tremeu o coração à vista dos dentes-garra, ameaçadores, do Homem-fera, devorador - Lado 7, Talvez outro Salmo: "...cheguei para tomar/ e tomei,/ com toda a ânsia, e tomei, / comi e comi; bebi e bebi; gritei e gritei: pecado raiz /.../qu'eu sempre quis mais, de jamais chegar: a GULA." ? Os dentes... Quão mais perigoso, e doloroso, no entanto, este mergulhar abrupto do outro-lado, na penugem dos canários, onde a metamorfose se processa, na viagem pelos sentidos, de Homem-dentes, Homem-Homem, em Mulher- Fê-

mea, Mulher-Mãe!!! Dói mais, mas muito mais, ficar a saber, no ritmo acelerado dessa viagem - já lhe disse quão importante para mim é o ritmo, dimensão que envolve corpo e espírito, mas corpo também, ou sobretudo -, da existência, algures, por trás dos dentes-garras, da indecisa ambivalência da mão, da existência desse regaço materno e maternal. Como dói saber que ele existe! "Um dia morei sobre o peito de minhas mães,/ branca e preta, as mães,/ (todas verdadeiras)/ na mesma medida, agora, assim,/ minha banda-fêmea/ te regaça: desta vez,/ "mulher",/ sou tua "mãe"..." Volto a "Balançando Devagarinho" - há sempre um regresso a "Balançando Devagarinho". A ambiguidade, "ambi-valência", de "mulher," - vocativo+ auto-afirmação? Assim a leio, no meu capricho habitual de ler o que quero, como quero. SF, quero chegar ao fim, rápido - que me sinto arrastada pela torrente, ondulada e frenética, desta psique/habitação hermafrodita: "te esbalda na cavilha deste peito-pulso" - diz, homem. Que de mais masculino que um peito-pulso, cavilha de peito largo, símbolo, no homem, da força-protectora correspondente à suavidade-protectora de um regaço de mãe? Habito agora apenas esta minha mão;/ sou apenas esta mão:/ .... / mão, o calor de tuas sedas. / .... / E se dormires/ recobrirei respeitosamente a tua nudez.../ que da aurora,/ vigilante/ eu tomo conta. Ula a ferocidade? Entre o mais puro erotismo e a pureza mais pura, é onde você habita, ondu-

lante, no topo da vaga, na profundidade do sorvedouro, na quietura da água límpida, turbilhão andrógino que nos arrasta, indefesos para abismos ignorados. É consigo ou comigo mesma que estou zangada? Deve ser comigo mesma, SF — porque sempre é comigo mesma que me zango, com esta incapacidade de resistir e dizer apenas: "Muito obrigada, SF, por ter escrito mais um poema em que há todas as coisas de que gosto...", calando a minha fúria pelo turbilhão em que me lançou, arrancando-me à ausência voluntária; calando a minha fúria pela incapacidade de racionalizar o que sinto no seu poema, em palavras bem medidas, idas buscar a modernos e bem pensados compêndios de crítica literária. Assim...? Que dizer? É nas profundezas de mim mesma que o sinto, o seu poema. O reino da ausência de palavras. Após a minha tentativa frustrada de as procurar, algumas horas depois de ter iniciado a busca, vários telefonemas, duas visitas, um almoço, pelo meio, creio que só no abismo do inconsciente de ambos haveria possibilidade de comunicação. Estenda o seu dedo: eu serei ET (lembra-se daquele simpático alienígena, vindo, como eu, de outra galáxia?), e também eu estenderei um dedo breve: um toque leve e as palavras serão inúteis. Assumindo as maneiras de cá, diria apenas: e se pusesse uma vírgula a seguir a "pausadamente..."? Alargaria ainda mais a respiração desse pausadamente... [Alicia, pronto, botei a vírgula. SF] Que, por agora, regresso, pausa-

damente, ao Nada, que "me deshabita". Talvez uma viagem às origens: concerto no Instituto Cervantes: Guitarra espanhola - Turina, Torroba, ... Por que não me deixar cair num "infinito ontem"? Um grande abraço - pelo Habitação!

**MARIA CONCEIÇÃO CARNEIRO OLIVEIRA:** Ave! Soares! Que maravilha de ritmos que imprimiste neste percurso que meus olhos não cansam de viajar. Que horizontes ofereces a eles, que gratos, agradecem! Que início de poema, poeta! Todo o poema é cheio de ardis poéticos + emoção. Parabéns, meu amigo. Grande abraço.

**MARIA MAIA:** Poesia do despedaçamento, feita sob a herança de Dioniso - o deus duplamente nascido - e da dualidade fundamental que tal deus promove: sátiro e bacante, masculino e feminino, beleza e fealdade, crueldade e leveza, regaço e perdição. Esta é uma tragédia dos tempos pré-pós-modernos. O ato amoroso é a habitação do humano. É dali que ele parte, sobrevive e se oferece em sacrifício para apaziguar os deuses, numa época em que milhares de humanos matam um deus a cada dia. O corpo despedaçado pelos dentes das bacantes em mãos, dorso, cabelo, peito, pulso e alma procura se restaurar no amor. "Sempre o mesmo acerca do mesmo", advertia o grande Eudoro de Sousa, quando se tratava da tragédia. Gestada em tempos imemoriais para purificar o homem da hamartia (pecado original forjado no deicídio original -

morte da divindade representada pela subida do homem do estado de natureza para o estado de cultura). E SF canta com sua penadentada a tragédia desta busca do desejo que não objeta em nenhum lugar. Que passeia pelos fragmentos do corpo da palavra com horror e amor. Que despreza a distinção masculino x feminino - porque sabe que no ato amoroso esta dualidade se desfaz. Os olhos se detêm na complementaridade deste horizonte que encandeia. "Pelo ouvido porém" se apresenta o canto e SF se faz sereia. O homem ainda tem pelo menos a possibilidade de se deixar atravessar pelo canto da sereia. Canto que o desvia da ferocidade do narcisismo e o conduz para o mar do amor. Mar onde o eu, este tirano, "como corpo morto, cai". Mar onde o eu se desfaz no outro, reinaugurando eternamente a vida. Mar que se confunde com o sertão, onde habitam as deusas mães, generosas nutrizes, que, vigilantes, sempre tomam conta da aurora da criação.

**MIGUEL SANCHES NETO:** Belo poema. Os temas da habitação e do envolvimento erótico receberam um interessante contorno poético. E você escreve sem pagar aluguel aos que se julgam donos das habitações literárias. E isso é bonito, é necessário.

**MIRNA GLEICH:** SF, teu poema tem um movimento que mescla o suave com o sensual, num verdadeiro bailado de energia e doçura. Além do mais: que gostoso esse sentir maior! E poder/saber expressá-lo com tal serena melo-

dia. Habitará no esconderijo de meus guardados especiais.

**PEDRO NUNES FILHO:** Que é isso, poeta! A que alturas você quer chegar?! Creio que não pretende chegar a lugar algum. Poetas nunca chegam. São seres entre-mundos. Difícil alguém ser capaz de dizer o que você disse nesse poema. As palavras são suas, mas são minhas também. São nossas porque dizem o que cada leitor gostaria de dizer e não consegue.

**RUTH DE PAULA:** Vejo que o poeta se coloca no poema por inteiro, (ou é o poema que se coloca por inteiro no poeta?) todos os seus sentidos estão juntinhos ali, embora ele os coloque esquartejados; nem sei se 'esquartejados' caberia para decifrar a profunda organização dos seus sentidos naquele momento. De fato, um momento de calma, tipo depois que os lobos têm a garantia da presa e ficam com ela entre os dentes sem se preocupar com as surpresas do tempo. Esses momentos nos dão um misto de fragilidade e força. No primeiro, nossos corpos são um não sei o que que pode ter só olhos ou só bocas, ou até mesmo morar entre os próprios dentes! Levitamos, é bem verdade e talvez seja essa a suposta fragilidade. Suposta afirmo, posto que também nessas horas somos um amontoado só, nossos sentidos de tão unidos se confundem, o que é olho "sente" o gosto da pele do outro, enquanto que a boca pode silenciar e "ouve"; o ouvido, de ser tão sensorial, fala; e as mãos, de tanto sentirem, veem a alma sobre o corpo nu. Transcendemos!

**RUY VASCONCELOS:** o dístico inicial de seu poema 'habitação' ("nem sei dizer onde moro exatamente/ desconfio que habito dentro de meus dentes") foi uma das imagens mais bem apanhadas que li nos últimos tempos. uma beleza. também pela sonoridade (como todos esses "ds" e "ts" aliterando-se). agora, a concepção que rege todo o poema - o corpo como casa ou templo - é bem interessante. e pela estereotipia que põem em cheque já a partir desse soberbo dístico. e quem somos nós para acharmos os limites precisos entre o que somos e o que deixamos de ser? falo em limites precisos, mesmo. fronteiras bem demarcadas. e desconfio que às vezes moramos fora de nossos dentes. em comunhão com lua ou mulher. afinal, o corpo é mais que uma mala, um jarro. ou algo que a gente pode rebocar daqui pra ali. ou mesmo despachar na alfândega dos sonhos. tão-só "morada do espírito". sorte de repositório, cisterna. mas, claro, é nele onde inaugura o bom senso, a pureza da alma. e possui o olho, esse milagre. essa janela mais porta ("o sol entra pela porta/ e o luar pela janela"), como diz certo refrãozinho de nossa terra --- talvez trazido de trás-os-montes.

**SILVANA ROSSI:** Meu Deus, fiquei quase sem respirar durante a leitura. Me sinto pequena diante da força que estas palavras expressam, não sei se estou preparada para sentir tanto.

**SOUZA SANTOS:** Pq. era carnaval, e já estava cheio de V. Rao e das

teorias evolutivas do jurisdice, abri o bichinho pra arejar um pouco o espaço pensante, pimplou e vi que tinha uma mensagem, fui lá, era vc me dizendo ser agora proprietário, latifundiário, locador e dono do BNH. Moço, que poemaço! Aposto que foi desses que saiu assim de rompante. Sentou, quando viu estava feito, que ninguém amadurece um texto desses assim no peito, se não papoca.

**STELA FONSECA:** Depois de PSI a Penúltima que me deixou mais de uma semana em estado de êxtase, nadando, vivendo e gestando entre as palavras e o cheiro da imburana, eu não poderia supor que outro poema seu, ou de qualquer outro poeta, tocasse tão profundamente minha alma. Enganei-me, Você não é apenas poeta, é um mago, um iluminado, um enviado do reino das palavras do qual pouquíssimos descendem. Um reino tão especial e inacessível que nem os iluminados que o representam, sabem que ele existe. Penso que, por segundos, as palavras-luz do reino habitam o iluminado e se fazem em algo que transcende o poema. Fiquei cerca de duas horas (e continuo) sorvendo cada palavra (rica em significados... que dom você tem amigo!) da sua HABITAÇÃO, cada som, cada mistério, cada símbolo, cada sensação. Deixei-me envolver pelo invisível e transcendente porque, meu poeta, a análise da sua Habitação como obra poética, a mais bela que já li, cabe a outros iluminados. A mim basta deixar-me encantar, deixar-me tomar inteira pela força, grandio-

sidade e beleza desse indizível encontro entre o Amor e o Amor, parido pelo homem que guarda auroras.

**VANDA CATARINO P DONÁDIO:** SF, impossível não habitar teu peito firmamento; um grande abraço estelar...

**VITO CESAR FONTANA:** Se bem nem conheço o todo de tudo que você escreveu, caro amigo, já esta tua HABITAÇÃO me bastaria para que eu soubesse quem tu és. Estou cheio de segundas pessoas para dizer direito aquilo que sei sobre o que nem sei, mas sinto. O poema-víscera habita mundi. Meandros de nós todos, apocalipse do uno, gênese do si mesmo, reverbero de espelhos espalhados no tosco dos olhares, minimalização maximizada do encontro da palavra e da imagem num quadro de Dali. Penso que ler esse poema não o é. É um poema de se ver, palpável, sentido no colo e acalentado... é um poema-ser, com suas caras, lágrimas, bocas, intestinos, rebimbocando na parafuseta do juízo mais do que perfeito. E tu sofres, poeta, na feitura, no arremate, no afino, no jorro... Um poema desses não foi pensado, foi expulso, vomitado de orgasmo pleno, daqueles que doem nos ovos.